

A PROPOSTA ESPIRITUAL DO RITUAL ROCK

The spiritual proposal of the Rock ritual

*Daniel Mineiro **

*José Brissos-Lino ***

Resumo:

O estilo de música Rock encerra uma proposta que remete para culturas e espiritualidades específicas que nem sempre se encontram perceptíveis à análise do observador comum. Este artigo procura apresentar alguns subsídios para uma leitura da espiritualidade Rock, tanto na sua execução e encenação, que remete para mitos pré-cristãos e para os impactos deste estilo musical na dimensão corporal dos *performers* e dos consumidores deste tipo de música, como na sua vertente filosófica. Finalmente aborda as tentativas históricas de mimetização da música Rock no campo religioso.

Palavras-chave: Espiritualidade, Poder, Rock.

Abstract:

The Rock music style contains a proposal that refers to specific cultures and spiritualities that are not always perceptible to the analysis of the common observer. This article seeks to present some subsidies for a reading of Rock spirituality, both in its execution and staging, which refers to pre-Christian myths and to the impacts of this musical style in the corporal dimension of the performers and consumers of this type of music, as in its philosophical strand. Finally, it addresses the historical attempts to mimic Rock music in the religious field.

Keywords: Spirituality, Power, Rock.

* Docente (ULHT) e investigador (CICMER).

** Docente (ULHT) e investigador (CICMER).

1. Introdução

Os clichés *Rock never dies* e *Sex, drugs and Rock and Roll* marcaram uma leitura rápida e pouco atenta de um género musical. Nada do que se diz é comprometido com a proposta espiritual que o Rock pode oferecer. Tudo fica numa estrutura de preparação espiritual, que está apenas montada como alicerce.

É preciso ir mais fundo nestas propostas de leitura deste estilo musical para perceber que encerra potencialidades surpreendentes e, provavelmente mais mobilizadoras do que uma etiqueta religiosa, preparada para intervir.

Se começarmos pelo seu universo e imaginários, então, fica logo desmontada a névoa de que tudo são alucinações e drogas. Há na base do Rock toda uma forma de pensar, que bebe dos mitos nórdicos, animistas e de inspiração filosófica. Não se chega a uma prática de uma música, tendo aqui em conta a música e os rituais anexos, sem mais.

168

2. Subsídios para uma leitura do estilo musical

Como refere Nicolas Walzer no seu livro “*Du paganisme à Nietzsche: se reconstruire dans le Metal*”¹, existe um pano de fundo da música Rock, que remete para o paganismo e para o Satanismo, portanto, não se pode pensar que as ações que vemos nos concertos são feitas de modo involuntário. Nem se pode afirmar que o homem é apenas um expectador de um determinado cenário, que foi montado em condições discutíveis.

O imaginário Viking, uma certa dimensão prometeica dos mitos nórdicos e a assunção de um «Poder Humano» de inspiração Nietzscheana estão sempre na ordem do dia, quando se fala deste estilo musical em concreto.

Está sempre muito bem definido o horizonte de ação, que não é cristão, como se pode confirmar pelo que acima dizíamos. Personagem, formas de

¹ Nicolas Walzer, *Du paganisme à Nietzsche: se reconstruire dans le Metal*, Paris, Camion Blanc, 2015.

vestir destas personagens e a simbólica das mesmas são a máxima, por isso, não espanta a forma de vestir de determinados guitarristas ou vocalistas. Tudo está pensado em ordem ao cumprimento deste universo mitológico. Nada é deixado ao acaso, mesmo que nos estejamos a referir às cores que a cor da pele do vocalista assume num concerto.

Como nos diz um outro consagrado comentador, a cor pálida da pele da Cara é uma mimetização daquilo que os antigos guerreiros mitológicos faziam². Ao assumir o branco no rosto, dizemos aos nossos inimigos que poderemos lutar até à morte. Nada constitui algo de pavoroso e, a razão disto é simples: se o branco representa a morte, no momento em que assumimos esta performance, assumimos que estamos mortos e, neste sentido, sem medo de uma possível morte que pode vir do confronto³.

Passando do horizonte à concretização do mesmo, é necessário ver que um determinado ideal ou máximas apresentam uma proposta para o Homem. Não existem dois horizontes separados. Não existe o pano de fundo mitológico e por outro lado o homem na sua vivência. A revitalização da «Vontade de Poder» de Nietzsche é bem clara: com a “Morte de deus”, é o Homem que tem de assumir o seu lugar; é ao homem que compete a construção das suas vidas dos seus ideais. Insistindo, é ao homem que compete o assumir de um “Super”, que já estava em si⁴.

É neste sentido muito preciso que vai o convite do pensador alemão, mas também toda a proposta deste estilo musical. Há um universo mensal satânico e neo-pagão, que depois convoca o homem à realização de determinados princípios. Melhor, que convoca o Homem para a escuta de uma voz interior; afinal a «Vontade de Poder» tem como base a auto-iniciação de um Homem, que sabe que tem tudo o que precisa para realizar a sua vida. Nada vem com as ajudas e as Graças das religiões.

² Alexis Mombelet, “La musique Metal: des «Éclats de religion» et une liturgie”, *Sociétés*, n° 88 (2005), p. 29.

³ Alexis Mombelet, “La musique Metal: Des «Éclats de religion» et une liturgie”, op.cit, p. 35.

⁴ Edgar Morin, *Les stars*, Paris, Seuil, 1972.

Lembramos, com o advento do niilismo (para não fazer um recuo até aos princípios das civilizações mais espiritualizadas ou iniciáticas) é o Homem que tem de assumir o «Poder» até à concretização do máximo daquilo que ele mesmo é.

Aqui tratamos do acesso do Homem a si mesmo, depois de um convite. Tratamos de um aprofundamento, que é sempre espiritual; mas de que modo é que se concretiza esta auto-iniciação a si mesmo? Como pode o Homem aceder ao plano mais fundo de si mesmo?

A literatura sobre estes assuntos é abundante e, mais uma vez aproxima o Rock das formas mais ancestrais. Por exemplo, podemos ver pontes com a obra de Roger Callois, quando fala de uma iniciação dos Homens a estados mais elevados a partir de uma técnica⁵.

Não existe uma qualquer forma de estar sempre conectado com o divino. Numa leitura bem atenta, vemos que os líderes religiosos/espirituais ancestrais produzem momentos, para que exista uma ligação do mundano ao espiritual, para que exista uma ligação do ser humano aos deuses⁶.

Com frequência, são tomadas determinadas bebidas com propriedades alucinogénias. Não é raro que esta toma seja acompanhada de umas músicas, que seguem determinados ritmos, por último, também não é difícil ver que todos estes rituais têm uma determinada duração e, que são feitos com o assumir de determinadas personagens.

Relatam alguns autores que existem máscaras, que são feitas em segredo, que permitem estas ligações e que, depois dos rituais, são queimadas, para que seja cortada uma ligação certa com os deuses. Melhor, para que o Homem fique sempre na sua condição de Homem.

No Rock não existe coisa alguma de diferente. Depois de uma aceitação de um determinado imaginário espiritual, que aqui não segue a métrica de uma

⁵ Roger Callois, *Les jeux et les hommes. Le masque et le vertige*, Paris, Gallimard, 1958.

⁶ Este tipo de práticas, muito semelhantes às práticas xamânicas, são tematizadas por Roger Caillois. Cf. Roger Caillois, *L'homme et le sacré*, Paris, Gallimard, 1939.

determinada crença muito limitada, existe a noção de que é preciso induzir a forma de iniciação. Existe a noção de que o canal de ligação não está sempre aberto, transformando o Homem pela atenção Graciosa e, não tanto pela assunção de uma determinada «Vontade de Poder», como diria o pensador alemão⁷.

A diferença está na abordagem. Antes temos a ingestão de determinadas substâncias, o assumir de uma ritualidade ancestral e a vivência de uma mesma espiritualidade em comunidade. Com o Rock existe uma perspectiva solitária, que é muito assinalável.

Imbuído de um assentimento, que ainda não é coisa alguma de espiritualidade, existe apenas uma disponibilidade. Que diga-se não é coisa alguma de somenos; bem pelo contrário é isso que realiza a transformação verdadeiramente alquímica do Homem. É isso que permite que o Homem possa conhecer outros estados de si e do mundo, numa densa auto-iniciação ao símbolo e à verdade de si. Existe o assumir de uma comunhão de Seres, depois surge uma performance, que tem a sua densidade⁸.

O Rock constitui um estilo de música muito complexo, especialmente se falarmos da parte eletrónica que assume nos dias de Homem. Assumindo uma tonalidade arranjada, com frequência introduz divergências. Não é sempre pautado por uma linha de melodias. Bem pelo contrário, pode assumir tons relativamente baixos, mas também pode mostrar aos seus fãs toda a potência de uma nota divergente ou a potência de umas colunas de som. Por que razão?

Falamos do elemento eletrónico e da distorção, dois temas com bastante importância⁹. O primeiro conceito, de uma certa eletrização atmosférica, tem um propósito muito assumido e, que facilmente se revela.

⁷ Alexis Mombélet, *La religion Metal. Secte Metal et religion postmoderne*, Mémoire de DEA de Sociologie, Université René Descartes, Paris 5, 2004.

⁸ Frédéric Bisson, *La pensée Rock. Essai d'ontologie phonographique*, Paris, Questions Théoriques, 2016.

⁹ Pierre Arnoux, "Overdrive: Théorie d'une sonorité électrique", *Audimat*, n° 9 (2018), pp.13 a 49.

Quem se sentar na linha da frente de um concerto não pode deixar de ser confrontado com um som, que por vezes é agressivo. Ninguém pode ficar indiferente. Existe um som, que nos toca, na sua mais alta potência. É esta a dimensão eletrónica. A segunda tem outros matizes, porque não diz respeito apenas ao fator físico e à relação do som com o corpo. Convoca a dimensão do convite.

Quem ouve uma determinada música e é confrontado com outro som, que destoa, de uma determinada linha harmónica tem como pano de fundo a questão da identidade e da diferença. Um RÉ, tocado com toda a força, depois de uma escala feita em DÓ, tem um impacto. Há uma mensagem a passar, que não é de somenos.

Não se trata apenas de uma dissonância, ou se quisermos de uma distorção. A relação da identidade com a diferença encerra uma outra leitura, que retoma a questão anterior.

Se o pano de fundo era o horizonte mitológico, pagão e satânico, quando estes ideais passam a operar no Corpo de quem escuta, estas notas que vêm com a distorção não podem ser apenas uma nota, da qual não se estava à espera.

Há na alteridade da distorção o convite para uma outra instância, para uma outra dimensão de si e da vivência no mundo. Há uma surpresa, que opera uma vontade de mudança. Se quisermos há a concretização da famigerada «Vontade de Poder» da qual falámos acima¹⁰.

É este o papel da distorção e da eletrónica: convocar o corpo para um determinado ideal. Produzir uma transformação alquímica no Homem, de modo a que o Homem possa ser um «Super-Homem», tal como referiu o pensador alemão há bastante tempo. Apenas a primeira parte de uma ritualidade do Metal, que trabalha a um outro nível como bem viu Bernard Andrieu¹¹.

¹⁰ M. Segalen, *Rites et rituels contemporaines*, Paris, Nathan, 1998.

¹¹ Bernard Andrieu, *Les avatars du corps: une hybridation somatechnique*, Paris, Liber, 2011.

Este autor tem trabalhado o conceito de Corpo, tem escrito sobre as várias formas de o considerar, mas sobretudo tem desenvolvido uma investigação muito séria sobre o conceito de imersão, que precisa o que está em causa.

No seu livro dedicado ao conceito da somatização, vemos que há um nível de operar que é muito mais denso que a palavra. É o nível corporal; mas em que sentido? Justamente quando existe uma reação física, neuronal e celular a determinadas vibrações e sons.

Quando somos expostos a determinadas vibrações, a determinados sons e a determinados contextos onde os podemos ouvir, são operadas mudanças em nós. Nada fica igual, se estivermos com a atenção necessária, para que possa ocorrer uma modificação.

O exemplo é claro, quando falamos do efeito que a música ambiente tem em nós, no contexto dos bares e discotecas. Salvo raras exceções, depois de uma determinada hora - marcada até pela luz do Sol - o nosso corpo começa a “desligar”, para que possamos dormir. É este o ritmo normal, para que possamos descansar e viver de modo saudável. Mas quem não experimentou já coisa diferente, quando está numa determinada festa, que se prolonga pela noite dentro e, por vezes até de madrugada?

O Corpo, antes “programado” para dormir depois de uma determinada hora, parece estar em outro estado. Fica ativo, fica desperto, dança e, neste sentido constitui uma outra forma de si. Se quisermos, passa a assumir uma outra personalidade, que até ao momento não estava desperta. Faz uma ligação com a atmosfera envolvente e, neste sentido, fica na franja daquela identidade comunitária, que está sempre a desafiar o limiar de uma identidade.

A que se deve isto se não a uma determinada somatização de um som, que nos está a convocar para uma ação? O que é isto se não uma forma de ação, que não está no plano consciente?

Tudo, como bem refere Andrieu, são formas de imersão numa atmosfera musical. Tudo são operações de transição, para uma outra dimensão de si e, para uma outra leitura de estruturas de comunidade.

Para além desta operacionalização de um corpo, de acordo com o ideal mitológico, existem outras diferentes interessantes. Nem tudo se resume apenas a uma disposição para que o melhor de mim venha a tona, como se trata-se de uma simples cópia da proposta do filósofo alemão.

Esta operacionalização é apenas o modo pelo qual o corpo reage e o modelo para o qual o corpo pode olhar, quando é convocado a ser mais. Melhor, o que apontámos acima só corresponde aos meios que podem ir mais além tendo em conta o corpo. Estamos numa linha porventura parcialmente inconsciente. Não se pode ficar nesta proposta ou teríamos muito pouco a dizer de sério¹².

A proposta vibracional, que já foi tocada por Andrieu e outros autores como Breton tem outros contornos. Temos o meio de despertar o corpo e de o pôr a olhar para uma outra dimensão de si; foi este o convite da distorção. Mas temos de avançar para a plena mudança que o ritual considera. Temos de tornar o sagrado, que o ritual constitui, realmente importante na mudança alquímica do Homem que é tocado pela música.

Neste contexto, temos de analisar a proposta de Mombelet. É importante perceber o que seja o convite, para que se possa falar da dimensão consciente do Ritual Metal¹³. E o que surge é a dimensão do jogo, que o ritual encerra. Explicamos os contornos do jogo, que não é apenas lúdico.

A obra de Roger Caillois, intitulada “Les Jeux et les hommes”, fala do carácter de competição que o jogo tem. Se quisermos, fala de uma determinada classificação do Homem, quando se dispõe ao jogo. E aqui está em jogo uma medida: se atingirmos determinadas metas, podemos passar adiante e ser

¹² É nesta linha que vai Claude Rivière, *Les Rites Profanes*, Paris, PUF, 1995.

¹³ Alexis Mombelet, *Le Metal: Un projet mythologique articulé au jeu e au don*, Thèse Doctorat, Université Paris Descartes, 2009.

considerados como importantes e melhores do que os outros. Caso não existam resultados, então é a estrutura hierárquica e até imoral que se impõem com a desconsideração de quem não foi capaz de uma determinada proeza¹⁴.

Que pistas surgem para que o Ritual Metal possa ganhar corpo? Em bom rigor surge a concretização do ideal mitológico-nietzschiano e o cumprimento do convite, que vinha da distorção.

Se o que está em jogo é uma assunção do Eu, se aquilo que sobressai das notas da distorção é uma «Vontade de Poder», então, o corpo tem de assumir um determinado lugar, para que este Poder tenha uma visibilidade, que diz respeito ao domínio. Melhor tem de realmente exercer Poder sobre uma determinada realidade.

Eis o cumprimento do convite inicial: é agora, no contexto de um concerto, que os Homens podem medir a sua força e prestação diante de outros. Tudo isto numa espécie de competição pelo Poder e pelo prestígio. Tudo isto numa imitação perfeita das propostas, que podemos achar na natureza.

Veja-se que a proposta de Walzer é muito concreta. Existe uma natureza sobrenatural que é necessário assumir. Existe uma leitura do mundo, com base no comportamento instintivo de domínio dos animais, por isso, não é de estranhar que o momento posterior ao convite seja o de uma certa competição entre os fãs.

Mombelet, retomando o texto de Caillois, fala mesmo de uma série de predicados que mostram esta tensão para um estado mais elevado do fã. Os termos *Ilinx*; *alea*; *mimicry*; *agôn* e *pongo* são convocados com toda a pertinência, para explicar que existe uma disputa pelo poder, sendo que o mais importante deles é o de *pongo*.

É neste conceito de *pongo* que se joga a competição entre os Homens que ouvem uma determinada música. É pelo assumir de um jogo, altamente

¹⁴ Cf. Alexis Mombelet, “La musique Metal: Des «Éclats de Religion» et une Liturgie”, Op. Cit, p. 43.

estratificador, que se cumpre o desejo e a vontade de poder. É aqui, já no terreno consciente, que se começa a passar de uma mera somatização para o terreno da auto-iniciação de um Eu.

Insistindo, é no contexto de um determinado jogo (pongo) que começa a ser determinado fator individual deste ritual. É nesta dissonância entre uma tonalidade/distorção, que convocam todos os corpos a agir de acordo com um ideal, e uma «Vontade de Poder», que deixam entre alguns dados curiosos do Ritual que o Rock assume.

O primeiro deles é que tem uma base infra-consciente. Na realidade, ele começa a estar presente na comunidade musical nas primeiras notas que tocam o corpo e o mobilizam. Não é preciso que toda a dimensão da distorção venha ao momento consciente, para que possamos falar de ritualidade.

Com as primeiras notas existe um cumprimento de uma proposta, de uma regra, de uma norma, num corpo. Existe uma disposição corporal, para receber um determinado convite musical e a criação de um espaço e tempos diferenciados. Sem passado, presente ou futuro existe um agir de acordo com uma ativação corporal.

A segunda nota desta ritualidade é a «Força» que assume. Não existem abordagens laterais¹⁵. O corpo é exposto a um som, é ativado pela «Força» desse som e, assume uma determinada postura, que é concordante com o som que ouve. Tudo isto mostra a «Força» de uma ritualidade, de base corpórea.

A terceira nota desta ritualidade muito própria é o caráter individual, que toda a auto-iniciação tem. Apesar de termos um caráter comunitário bem presente, quando falamos de uma ritualidade Rock, é preciso não esquecer que o Homem só se transforma em «Super-Homem» no momento em que assume o «Pongo». É importante deixar bem claro que o Homem só assume a «Vontade de Poder» no momento em que começa a exercer o Poder, de que considera ser capaz.

¹⁵ Frédéric Bisson, “Variations d’intensité”, *Multitudes*, nº 71 (2018), p.139.

É esta a primeira parte de uma ritualidade de que pouco se fala, precisamente porque quem lê Rock junta a esta palavra toda a etiqueta que os clichés transportam. É este o legado dos clichés: leituras feitas e demasiado rápidas. Grelhas de análise, que não consideram a realidade que se mostra aos olhos dos Homens. A outra parte tem que ver com a concretização de todo o exercício infra-consciente ou de modo limiar consciente.

Os fãs são instruídos pela literatura, têm acesso a uma outra «Realidade» pelo convite que a música e a distorção fazem e, respondem aos imperativos de um corpo pela luta por determinados ideais. Mas tudo isto é passado numa perfeita performance do que possa ser sentimento eletronicamente produzido, ou se quisermos ser mais precisos na onda de uma vibração que somatiza no corpo um princípio.

O que fazer para que tudo isto seja integrado numa proposta lúcida de ação? Há que dar resposta, caso contrário é todo o cliché de vida louca que cai em cima desta proposta.

A leitura atenta do Ritual Rock deixa vir à consciência um outro componente: a imagem. São muitas as modas, relacionadas com o Rock. Continuam a ser imensas as formas de vestir, que têm intenção de criar um simulacro de uma determinada personagem mitológica.

Quem não viu todas as imagens das Bandas Rock recheadas de uma proposta de visual e de imagem? Que propósito tem isto, quando parece estar assegurado o terreno da ritualidade ao falar de uma luta pelo Poder, o famigerado *Pogo*?

Além da dimensão infra-consciente, que é própria das vibrações corporais, existem outras formas de induzir a espiritualidade. Acima dei o exemplo de bebidas alucinogénias. Também existem alguns alimentos, que permitem “desligar” uma leitura do mundo muito mental e acionar outras.

É a metodologia xamânica que tem imensos exemplos disso. A determinada altura, num ritual, o Xamã passa a incarnar um determinado espírito, depois de ter praticado alguns rituais e ingerido substâncias.

O cenário não é diferente do que se passa no Rock. A bebida de determinadas substâncias acompanha esta somatização, que é produzida pelo som; mas, surgem as tipificações de determinadas propostas espirituais, para que se possa falar de uma ligação do infra ao consciente.

Os símbolos que podemos ver na mediatização das Bandas é um exemplo perfeito disto que estamos a dizer. É criada uma tipificação de determinadas propostas espirituais e plasmada numa imagem, que congregada esta mesma proposta.

Se na designação breve da banda, seja na multiplicação da proposta em forma de modelos de roupa, existe uma tentativa de memorização de um determinado ideal. É necessário falar do papel dela. É necessário que o papel da imagem apareça.

Nada é deixado ao terreno da mera sensação de um som no corpo. A jusante de uma fenomenologia estética do sagrado, existe uma concretização desta proposta numa imagem, que não pode ser redutora.

Existem muitos especialistas a demorarem as suas investigações no papel do símbolo, mas podemos afirmar que este conserva um universo de sentidos múltiplo. É isto que significa a palavra: pôr em conjunto uma certa quantidade de sentidos.

Assim, apesar de assumir o papel da memorização de uma proposta espiritual, o símbolo de uma determinada Banda não é a volta ao conservadorismo hermenêutico. Tal como a sensação da distorção é múltipla, também o sentido que o símbolo assume que o é. Nada segue o simples determinar.

Já no terreno de uma memorização do que é do terreno corpóreo, tudo é uma autêntica batalha pela evidenciação de determinados ideais. Tudo são

estruturas, para que seja mais fácil de compreender e possa ser usado na vida cotidiana.

É este o verdadeiro sentido daquilo que temos vindo a assistir nesta guerra horrenda. Sabemos da mobilização que gerou o vocalista da banda Boombox nas redes sociais. Todas as Pessoas conhecem este vídeo, que retoma uma música antiga. Não é desconhecido para ninguém que foi gravado num contexto muito específico.

Tinha rebentado a guerra e o vocalista, como homem consciente, quis atuar nesta ofensiva por meio do seu dever ético. Então vestiu um camuflado militar, lançou mão de alguns adereços que o identificam, colocou ao peito uma arma de fogo e resolveu interpretar um hino ucraniano antes de começar a combater o exército russo que invadia o seu país.

Cantou o hino e tentou mobilizar as pessoas, nas mesmíssimas condições que acima apontamos: as dimensões infra-conscientes, da ordem corpórea, e as dimensões corpóreas, que se concretizam nas imagens que foi disponibilizando e nas frases que foi escrevendo nas redes sociais para apresentar o que estava a acontecer.

É este o convite da espiritualidade que o Rock encerra, mas para o qual falta ainda uma explicação. O vocalista da banda Boombox canta uma versão à capela de um hino. O que tem esta aposta que ver com o Rock, tão vibrante e com efeitos de distorção?

Por outro lado, assumindo que o tom da vibração está presente, como se passa de uma «vontade de poder» na qual tudo são lutas pelo Poder - vale lembra aqui a implicação que o Pongo continua a ter nos concertos - para uma estrutura de mobilização do mundo para a situação de guerra?

A resposta à primeira questão é dada pelo caráter de conservação que o símbolo e a imagem têm. Sabemos que todas as bandas têm grupos de fãs que ouvem as suas músicas. Existem mesmo fãs que têm uma devoção muito

assinalável, passando a assumir uma forma de vestir muito próxima daquela que os vocalistas e guitarristas das bandas usam. Que dado nos dá esta nota?

Em primeiro lugar, relembra aqueles passos que o Ritual Metal tem. Existe o momento do despertar, logo seguido de um momento de conservação e de memória daquilo que foi revelado. Depois, mostra o papel desta memória na vivência de uma espiritualidade.

A partir do momento em que um fã é iniciado numa determinada espiritualidade não existe modo algum de lhe retirar esta sabedoria, porque aquilo que lhe é transmitido passa a fazer parte constituinte daquela que bateu à porta da sabedoria. Porque existe uma transformação alquímica daquele que acreditou no convite, que o som fez ao corpo.

Se não lhe pode ser retirada uma determinada sabedoria, se não existe modo de apagar o modo transformado que o Corpo e o Espírito assumem, também não existe modo algum de apagar o universo espiritual de que o fã é capaz.

Foi aberta uma realidade, foi-lhe concedida uma chave e agora aquele que conheceu a verdade pode ler o que a realidade lhe diz¹⁶. Não existe modo de pensar a questão e os resultados impõem-se; mesmo quando só contamos com a realidade imagética. É a base da memória e da conservação, que permite fazer a ligação ao núcleo primário de todo este despertar.

Outra questão é se falarmos de quem não esteja nesse patamar de iniciação. Por que meios pode quem não se tenha iniciado chegar a uma visão do mundo potente para querer atuar na situação de guerra que vivemos?

Se analisarmos os acontecimentos, a resposta à questão foi dada pelos demais músicos. Se a urgência ditou que a proposta fosse feita naqueles modelos, como sabemos apenas acessíveis a quem foi iniciado, a comunidade Rock tratou de corrigir esta proposta e elevar o convite a outro patamar.

¹⁶ Didier Manuel, “Le corps du Rock ou le corps à nu des prophètes de la modernité”, *Corps*, n° 13 (2015), p. 50ss.

A versão do vocalista dos Boombox foi imediatamente “misturada” pelo músico sul-africano e retomada pelos Pink-Floyd. Aqui as sonoridades já têm os pré-requisitos de que temos vindo a falar. Há um despertar do corpo ao nível infra-consciente e depois uma tentativa de que a iniciação não tenha sempre as volatilidades das emoções ou ainda a fragilidade do esquecimento.

Passando à segunda questão: como resolvemos a questão da mobilização, se o Rock é uma proposta de Poder, e o que se pede nesta situação de guerra é uma ajuda rápida e eficaz? Como se pode considerar o plano de uma ética, se existe sempre um *Pongo* para complicar a equação de uma proposta espiritual vinda da música Rock?

É verdade que o momento de simulacro surge. É verdade que todos os que ouvem a música se sentem estimulados a uma construção da identidade. É ainda muito certo que a performance de domínio cria fascínio em quem ouve, mas este é um momento segundo.

A base da proposta espiritual Rock é a acalmia para que o som seja ouvido. Mesmo que tenhamos em conta a «Força» do Rock, mesmo que a distorção aponte para um risco de saúde evidente - determinados sons mais agudos nos concertos podem provocar surdez - há um plano de leitura passivo. É preciso que sejam criadas as condições para que o corpo possa ouvir a «mensagem» que é passada.

É nesta base que o apelo pode ser eficaz. Assumindo uma base de mobilização corpórea, o Rock faz uma apologia da Paz para que a mensagem possa ser passada. Não existe momento algum de destruição, quando se fala num determinado simulacro. O máximo que surge neste tipo de “mediação” é a vertigem de um convite feito pela elevação de níveis de ação. Não há destruição de inimigos ou até atos de guerra.

Existe uma assunção do espírito mais animal do homem, mas a base é sempre de uma determinada conservação dos meios de perpetuação da mensagem. Neste sentido, apesar de falarmos de uma ritualidade Rock muito

competitiva é criada, pela densidade da guerra, uma ritualidade meta-nietzchiana, que é inaudita.

Perante a possibilidade de que a mensagem não passe. Perante a incapacidade de realização de um «chamamento iniciático», existe um apelo ético à Paz. Se quisermos, nasce um movimento Rock de suporte ao povo ucraniano e de luta pela paz, porque é necessário.

3. Sobre a mimetização cristã da música Rock

O campo protestante sempre se caracterizou pela ênfase litúrgica na música congregacional. A filmografia anglo-saxónica confere-nos abundantes exemplos da hinologia cristã, em particular desde o século XVIII com o prolífico compositor Charles Wesley,¹⁷ irmão de John Wesley¹⁸, o clérigo da Igreja de Inglaterra que fundou o movimento metodista com o irmão e um grupo de amigos.¹⁹

Em meados do século passado a mãe do rock and roll, a irmã Rosetta Tharpe²⁰ e depois nomes como Elvis Presley, Whitney Houston, Aretha Franklin, Avril Lavigne, Little Richard ou John Legend, entre muitos outros que vieram das igrejas protestantes nos Estados Unidos, marcaram o mundo da música a nível planetário.

O protestantismo procurou desde os anos oitenta do século passado embarcar no comboio do rock. A ideia seria levar a palavra de Deus aos jovens

¹⁷ Ministro da Igreja de Inglaterra, teólogo, filósofo, autor de hinos e escritor (1707-1788). Foi distinguido em 1995 pela Gospel Music Association dos EUA, em reconhecimento pela sua imensa contribuição para a música gospel, incluindo-o no Hall da Fama da Música Gospel.

¹⁸ Ministro da Igreja de Inglaterra, teólogo e pregador renomado (1703-1791). Fundador do movimento metodista.

¹⁹ Metodismo: movimento cristão surgido no séc. XVIII em Inglaterra. Deu origem à Igreja Metodista em 1739. As suas principais ênfases eram uma relação íntima do indivíduo com Deus a partir da conversão pessoal e a observância duma vida ética e moral.

²⁰ BRISSOS-LINO, José (2020). “Afinal, a mãe do rock’n’roll era mulher, negra e cristã”, revista VISÃO (26/2/20). <https://visao.sapo.pt/opiniao/2020-02-26-afinal-a-mae-do-rocknroll-era-mulher-negra-e-crista/>

na modernidade através duma linguagem musical com que eles se identificassem.

Já no início dos anos setenta (1972) surgiu uma banda de rock cristão nos Estados Unidos, os Petra, que ganhou muitos prémios e vendeu milhões de discos. O seu tema “You Are my Rock” tornou-se icónico. Seguiram-se muitas outras bandas como a Rebanhão, a Cathedral e a Resgate (Brasil), algumas das quais enveredaram pelos caminhos do hard rock, lançando mão duma certa cultura e liturgia correspondente, mas sempre deixando muitas reservas nos círculos eclesiásticos, em especial pela demonização que as lideranças mais conservadoras faziam desse estilo musical que contrastava com a tradição do pacote órgão de igreja.





Hoje existem outras experiências musicais nos círculos cristãos, que procuram utilizar a música como meio de alcance dos jovens, em particular na música gospel, que deixou de ser apenas um estilo musical especialmente trabalhado pelo protestantismo negro americano para se tornar uma designação genérica da música cristã protestante. E este simples facto em si mesmo já mereceria um estudo aprofundado.



